

O MUNDO

Sem reaproximação com EUA

Novo presidente do Irã minimiza relações com Washington e promete manter programa nuclear

TEERÃ

Em sua primeira entrevista após uma surpreendente vitória nas eleições de sexta-feira, o novo presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, minimizou a importância dos EUA ao afirmar que seu país não tem necessidade de restabelecer relações com Washington. Ele disse ainda que pretende manter o que chamou de "programa nuclear civil", tocando no tema mais delicado para o Ocidente.

— Nossa nação continua no caminho do progresso e nele não há necessidade significativa (de relações) com os EUA — declarou.

Ex-prefeito de Teerã, o ultraconservador Ahmadinejad prometeu "um governo de paz e moderação," mas manteve a posição do país sobre a questão nuclear. O programa, segundo o novo presidente, responde à grande necessidade de geração de energia no Irã.

— Precisamos desta tecnologia para propósitos de energia. Por isso, vamos continuar. Hoje, temos que dizer que a tecnologia nuclear, usada para um bom propósito, para gerar energia e para uso médico, é um direito. Nós precisamos ter essa capacidade — disse.

O governo americano vem insistindo na necessidade de conter o programa nuclear iraniano, pois acredita que o objetivo de Teerã seja produzir armas nucleares. Na semana passada, a Agência Internacional de Energia Atômica insistiu com o governo iraniano para que permita inspeções nas instalações onde o urânio é enriquecido.

A União Européia reagiu com apreensão às palavras de Ahmadinejad, temendo uma possível corrida armamentista na região. Grã-Bretanha, França e Alemanha, que negociam em nome da UE, vão apresentar no final de julho ou no começo de agosto um programa de incentivos para tentar induzir o Irã a um acordo.

Incentivos para investidores

Em outros temas o novo presidente apresentou propostas moderadas, num tom diferente do que esperavam muitos analistas. afirmou que pretende incrementar as relações do Irã com outros países, criar incentivos para investimentos estrangeiros e dar apoio ao desenvolvimento do mercado de ações.

— A bolsa de valores serve de ponte entre o capital e a produção. Por isso, devemos dar apoio ao seu desenvolvimento, mas com adaptações — declarou.

Ahmadinejad afirmou ainda que não vai admitir qualquer tipo de atuação extremista, inclusive o terrorismo.

— Nenhum extremismo será aceito no governo popular — afirmou.

Ex-membro das forças especiais da Guarda Revolucionária do Irã, um órgão que simboliza a linha-dura no país, o presidente eleito conquistou o eleitorado com promessas de combate à corrupção e redistribuição da riqueza gerada pelo petróleo.

Seu estilo de vida simples contrastou com a figura do clérigo Akbar Hashemi Rafsanjani, ex-presidente conservador que se apresentou como opção moderada. Ele é um dos homens mais ricos do país e, antes do primeiro turno, era considerado o franco favorito. Durante a campanha para o segundo turno, ao qual Ahmadinejad chegou inesperadamente, o país viu-se claramente dividido entre a elite, que apoiou Rafsanjani, e as classes menos favorecidas, que elegeram o ex-prefeito de Teerã.

Ahmadinejad derrotou Rafsanjani com facilidade. Ele é o sexto presidente do Irã desde a Revolução Islâmica de 1979. Durante a campanha, prometeu converter o país num exemplo de democracia para os países muçulmanos. Apesar dos temores de que sua vitória isole o país e traga de volta o lado mais sombrio e repressor da Revolução Islâmica, o novo presidente tem procurado manter um tom conciliatório.

NO GLOBO ONLINE:
Saiba mais sobre o Irã
www.oglobo.com.br/omundo



MAHMOUD AHMADINEJAD em sua primeira entrevista coletiva após a eleição: o novo presidente adotou um tom moderado e prometeu apoiar o mercado acionário

Casa Branca se prepara para longa disputa

Washington não esperava vitória de ultraconservador e teme apoio a resistência no Iraque

David E. Sanger

Do The New York Times

NOVA YORK. Antes mesmo de os iranianos votarem em sua eleição presidencial, o governo Bush já tinha declarado que o processo eleitoral era fraudulento e que, qualquer que fosse o resultado, o Irã seguiria sendo dirigido por homens que "continuarão espalhando o terror pelo mundo".

Ainda assim, ninguém na Casa Branca esperava a vitória do ex-prefeito de Teerã e ultraconservador Mahmoud Ahmadinejad. Agora, tendo pela frente um populista que amadureceu no movimento

estudantil que tomou a Embaixada dos EUA em 1979, Washington se depara com uma provavelmente longa confrontação com o Irã, primeiro sobre seu programa nuclear, em seguida sobre terrorismo e talvez diante de um impulso à insurgência no Iraque.

Decisão sobre questão nuclear é competência do líder supremo

Bush insiste que o Irã não pode ter os ingredientes que permitam a construção de armas nucleares, apesar de o país afirmar ter direito ao programa como signatário do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP). A alegação ameri-

cana é de que o país perdeu esse direito por ter impedido por 17 anos a entrada de inspetores internacionais em seu território. Alguns assessores de Bush afirmam que essa seria a hora para um aumento da pressão para que esses inspetores façam uma vistoria nas instalações do país.

No início da semana passada, um dos assessores próximos de Bush disse que, não importando o vencedor das eleições, "nós poderemos estar enfrentando um verão de crises simultâneas em lados opostos da Ásia: uma no Irã e outra na Coreia do Norte".

A vitória de Ahmadinejad aumen-

ta o ceticismo do governo Bush sobre a tentativa dos europeus de persuadir o Irã a comprar combustível nuclear em vez de produzi-lo.

Washington reconhece que a decisão sobre a questão nuclear é de competência do líder supremo do país, o aiatolá Ali Khamenei, que se nega a abrir mão do poderio nuclear, mas também é cuidadoso no trato com os europeus — com os quais o Irã tem relações diplomáticas e comerciais.

Segundo Mark J. Gasiorowski, especialista em Irã da Universidade Estadual de Louisiana, Khamenei agora pode "querer evitar provocar os Estados Unidos". ■

Rock'n'roll nos porões de Teerã

A vida dupla dos rapazes do Kiosk, que desafiam a Polícia Moral e vão lançar CD pela internet

José Meirelles Passos

Enviado especial

TEERÃ. Como a maioria dos iranianos das grandes cidades, eles têm vida dupla. Durante o dia se dedicam a seu trabalho normal e se comportam conforme as regras dos aiatolás. Mas à noite e nos fins de semana, os quatro se juntam no subsolo de um prédio no norte de Teerã para uma atividade proibida: tocar rock'n'roll.

No caso deles a ousadia é maior. Afinal, por mais que isso pareça uma loucura num país onde dançar também é proibido, os rapazes estão decididos a ser profissionais do rock. Enquanto os demais iranianos ouvem CDs pirateados ou músicas que obtêm através da internet, fora do alcance da Polícia Moral, eles não só tocam como compõem rock, e até formaram uma banda — a Kiosk.

Um é arquiteto. Outro é publicitário. Os outros dois são músicos profissionais, mas acompanham artistas que cantam canções permitidas pelo governo. No palco, os músicos não podem se mexer nem gingar ao ritmo da música. É preciso uma autorização do Ministério da Cultura e Guia Islâmico para se realizar um show. E ela tem de ser pedida com pelo menos três meses de antecedência. As letras têm de ser aprovadas pelos censores. Em seguida as músicas também passam por seu crivo. E, por fim, o vocalista: se um dos fiscais não gostar da voz do cantor, a permissão para o show não é dada. O mesmo acontece com os discos. Para cantoras, a restrição é maior: elas só podem se apresentar para platéias totalmente femininas.

Depois de três anos de trabalho solitário e clandestino, os rapazes do



O ESTÚDIO num porão de Teerã e a capa do CD

Kiosk estão prestes a lançar o seu primeiro disco, gravado e mixado secretamente num pequeno estúdio no subsolo do edifício. Boa parte dos equipamentos e os instrumentos entraram no país via contrabando.

Na parede há pôsteres de artistas como Sting e Eric Clapton, cujos discos não entram legalmente no Irã. Segundo Arash, líder da banda, aquele recanto, com paredes revestidas com material acústico que impede a saída de um fio de voz, é o oásis do grupo.

— Aqui nós nos soltamos. Passamos a ser só nós mesmos. Podemos respirar, é o nosso balão de oxigênio — disse ele.

O álbum "Adameh Mamooli" ("O homem comum") obviamente não será vendido nas lojas. É ilegal vender discos de música ocidental no Irã, em especial quando se trata de ritmos originários do Grande Satã —

como os aiatolás chamam os EUA.

O disco, com nove composições dos rapazes do Kiosk, chegará ao Irã via internet. A gravação original foi contrabandeada por um amigo até Vancouver, no Canadá, onde será incluída num site (www.bamahang.ca) e a partir do dia 1º de julho poderá ser acessada. Um clip com trechos de canções já pode ser obtido ali.

— Pelo jeito a aceitação será boa. Já há grande zum-zum-zum sobre o disco. O engraçado é que quase ninguém sabe quem são os músicos — salientou Amirali, o tecladista.

Não há fotos dos músicos na capa do CD. E tampouco aparece ali o seu nome inteiro. E é claro que nenhum deles usa cabelos compridos. Sair na rua carregando uma caixa de guitarra nem pensar: a polícia pren-

de. Todo cuidado é pouco. Registra-se apenas que Kiosk é formado por Arash (guitarra e vocais), Bahador (baixo), Amirali (teclados) e Ali (guitarra); e aparecem como convidados Sepanta (bateria e baixo), Babak (guitarra) e Eyni (bateria).

As canções do CD "Homem comum", onde é clara a influência de Bob Dylan — tanto em termos de melodia quanto de enfoque social — comentam a situação sociopolítica no Irã, onde o governo se intrmete demasiadamente na vida das pessoas. "Eu não quero estar na multidão quando o que predomina é a solidão; eu não quero ser rico, se o preço disso é a minha liberdade; sou o que sou, um homem comum; não quero que me digam o que fazer ou o que sonhar" — dizem alguns versos da música-título do disco.

— Nossa idéia é compor letras francas e honestas, e retratar a nossa situação. Por isso o disco tem um pouco de sátira política também — comentou Arash.

A canção "É manhã" é feita disso: ela diz que "Eles fecham jornais e aí dizem que essa é a era da comunicação; eles falam sobre sociedade civilizada, enquanto impedem as reformas". A composição "A culpa é minha" é um protesto generalizado: "A guerra no Sri Lanka, a guerra entre árabes e israelenses, é tudo culpa minha; movimentos populistas em nossa política, a derrota da diplomacia, é tudo culpa minha; se Bin Laden está solto, se os preços do petróleo estão subindo, a culpa é minha".

As eleições presidenciais não animaram os rapazes do Kiosk. Para eles, nada mudará: quem manda é o Líder Supremo da Revolução Islâmica e os aiatolás que o mantêm.